

DATA SHOW EM SALA DE AULA: FETICHE TECNOLÓGICO CONTEMPORÂNEO

Eliete Jussara Nogueira – eliete.nogueira@prof.uniso.br

Luiz Fernando Gomes – luiz.gomes@prof.uniso.br

Maria Lúcia de Amorim Soares – maria.soares@prof.uniso.br

Universidade de Sorocaba - UNISO

RESUMO

A escola tem procurado incorporar as tecnologias para a mediação pedagógica. Porém, nem sempre o que está sob a luz, o que é claro, nos diz sobre o que de fato acontece no cotidiano escolar. Este artigo relata e discute os dados de uma pesquisa sobre a utilização dos recém-instalados aparelhos de data show em aulas de um curso superior tecnológico. Através de questionário com perguntas abertas distribuídos a alunos de duas turmas, procuramos identificar as propostas didáticas introduzidas com o uso do dispositivo e suas implicações percebidas pelos respondentes, tanto nas aulas, quanto nas práticas de estudo domiciliar. Os dados foram analisados tendo como pano de fundo o contexto contemporâneo e as noções de letramento, apropriação tecnológica e tecnologias educacionais. Ao final, foi possível identificar marcas da contemporaneidade nas preferências dos alunos, tais como a busca pelo fácil, pela rapidez e eficiência, a preferência por imagens e a fetichização da tecnologia. Ao lado de práticas pedagógicas consideradas proveitosas, foram relatadas como negativas, a simples leitura dos textos dos slides e a quantidade excessiva de informação por slide. Quanto à prática de estudo, os alunos passaram a usar os slides como guia dos tópicos mais importantes.

Palavras-chave: Contemporaneidade. Tecnologias educacionais. Cotidiano escolar. Fetiche.

ABSTRACT

The school has sought to incorporate the technologies for the pedagogical mediation. However, not always what is in the light, which of course, tells us about what actually happens in everyday school life. This article reports and discusses data from a survey on the use of newly installed equipment data show classes in a college of technology. Through a questionnaire with five open questions distributed to students of two classes, we intended to identify the didactic proposals introduced by the use of the device and its implications perceived by the respondents, both in class and study practices in the home. Data were analyzed with the backdrop of the contemporary context and notions of literacy, technological appropriation and educational technologies. At the end, it was possible to identify brands of contemporary preferences of students, such as the quest for easy, on the speed and efficiency, preference for images, and technology fetish. Along with teaching practices considered helpful were reported as negative, the mere reading of texts and slides of excessive amount of information per slide. As the practice of study, students began to use the slides as a guide of the most important topics.

Keywords: Contemporaneity. Educational technologies. Daily school. Fetish.

TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA: ESBOÇANDO UM PANORAMA

No início foram os laboratórios de informática. Salas dedicadas e trancadas a sete chaves, obviamente por razões de segurança, mas que traziam uma mensagem simbólica de ser aquele um local exclusivo para quem conhecesse a senha, para os iniciados e, por que não dizer, para os mais audazes ou integrados que se dispunham a dar aula fora da sala de aula tradicional, em meio às máquinas, no “território inimigo”, onde temia-se, os alunos sabiam mais que os mestres.

Esses laboratórios continuam a desafiar as práticas dos professores. Afinal, as tecnologias atuais são sempre um convite à experimentação, um desafio à atualização dos professores e à modernização da escola. Embora a mais recente “novidade” na educação seja a lousa digital, que tem atraído a atenção da mídia e, por conseguinte, dos pais pagantes dos colégios dos filhos e dos pais eleitores, este artigo trata de uma tecnologia “anterior” ainda não suficientemente tratada: o data show.

Com a popularização dos computadores tipo desktop na década de 1990 e dos notebooks, nos anos 2000, a expectativa do uso na informática na educação vem num crescendo. O Governo Estadual de São Paulo chegou, em 2008, a abrir programas de financiamento de notebooks aos professores enquanto as escolas preparavam-se para acolher mais essa tecnologia. Tanto escolas privadas quanto as públicas trataram de, a seu ritmo, comprar aparelhos de data show e a instalá-los nos tetos das salas de aula e a ajustar procedimentos internos para o agendamento de seu uso quando não havia data shows suficientes para todas as salas de aula. Criaram-se manuais de procedimentos, fichas de reserva e de conferência na entrega. Auxiliares de multimeios foram escalados para auxiliar os professores a conectarem os data shows aos notebooks e calibrar a imagem nas telas brancas penduradas estrategicamente no meio da lousa, que ficava para traz.

Os professores que puderam, passaram a adquirir e a utilizar seu próprio data show, hoje vendidos de forma facilitada.

A presença dos data shows nas salas de aula foi bem aproveitada no marketing das escolas particulares e no das públicas, neste caso, especialmente nos período que antecedeu as eleições estaduais em São Paulo. Por outro lado, com a disponibilização desses artefatos, os dirigentes das escolas começaram a cobrar dos professores, o uso dessa tecnologia “educacional.”

Não seria essa a primeira vez que a tecnologia da moda, ou a mais recente, seria introduzida na escola pelo outdoor. E também não seria a primeira vez que tanto professores quanto alunos são incentivados a aceitar o discurso da inevitabilidade dos usos das tecnologias informáticas na educação e de seus benefícios. Dos alunos espera-se a recepção passiva e festiva da tecnologia, pois, afinal “é isso o que essa geração gosta; nasceu com isso” e dos professores, espera-se atualização, formação continuada e conhecimentos pedagógicos e didáticos que se atualizem no ritmo das novidades tecnológicas.

O MUNDO CONTEMPORÂNEO

O panorama esboçado acima, assim como as respostas dos alunos nos questionários, poderão ser melhor entendidos se tivermos em mente algumas das características do mundo contemporâneo, uma vez que o que acima se descreve ocorre dentro de um contexto globalizante no qual todos, de uma forma ou de outra, estamos inseridos.

De acordo com Esperandio (2007, p. 48), vivemos

a fragmentação da verdade, o presentismo e a contração do tempo e do espaço; a relação entre ética, estética e consumo; capitalismo, globalização e trabalho. Todos esses elementos colocam em evidência novos profundos de produção de subjetividade, conseqüentemente, um novo modo de ser e estar no mundo.

A autora, em seu livro “Para Entender Pós- Modernidade”, ao discutir alguns elementos da pós-modernidade fala da busca pelo prazer, como critério para nossas escolhas; seria a “estética do gozo”. Recordando a música “Comida”, do grupo Titãs, lançada em 1987, ela diz que “ a vida, na perspectiva pós-moderna, quer diversão, arte, direito (e condições) de ir e vir, sexo, amor, ausência de dor, prazer, dinheiro e felicidade. Quer-se tudo – por inteiro e não pela metade.” Aqui e agora, sem culpa. Há um processo de produção da subjetividade, que se dá também através de imperativos ditados pela mídia, tais como: “seja feliz!”, “sucesso”, etc. E, se exagerarmos, pois o excesso e o consumo desenfreado também são características dos tempos de hoje, há os remédios para os sofrimentos advindos do sentimento de culpa: academias, medicina estética, indústria farmacêutica, etc.

Franz Franckowiak, em seu artigo em que aborda o kitsch na cultura de massa¹, ao diferenciar diversos tipos de Kitsch, nos fala do Kitsch das múltiplas funções, no qual inclui as imagens, pois podem exercer as funções de informar, ilustrar, alegrar, etc. Obviamente que

¹ O Kitsch é a arte da felicidade de massa. Como a massa constitui, nos dias de hoje, a população majoritária do mundo, o Kitsch vive a época de sua glória. (Franz Franckowiack; opus cit.).

o uso de imagens não é necessariamente, Kitsch, pois as linguagens têm suas limitações e a orquestração da visual com a verbal colabora para a construção de sentidos, como é o caso das histórias em quadrinhos, por exemplo.

No âmbito escolar, as imagens também se encaixam na categoria Kitsch do conforto, pois as pessoas

preferem o fácil e o emocional, são hedonistas e consumidoras do prazer. Preferem tudo o que é fácil e que não exige esforço intelectual. A facilidade é seu critério distorcido e como tal, leva à superficialidade de conhecimentos. O Kitsch invade até as escolas, onde implanta a ideia de que as aulas devem ser fáceis, simples e gostosas. A aprendizagem é responsabilidade do professor e o conhecimento vem de fora para dentro sem a participação ativa dos alunos. O professor chato e difícil é avaliado negativamente. As matérias ensinadas devem ser ilustradas com imagens, pois o visual cansa menos do que o trabalho abstrato de atenção mental. (FRANCKOWIAK, 2000, p. 16-17)

Para Franckowiak (2000), o Kitsch na educação prima pelo senso comum e pela facilitação, pregando que se deve aprender brincando, muitas vezes, em sacrifício do epistêmico e, ao apresentar os problemas de forma simplificada, atua contrariamente à educação. A tecnologia, vista como ferramenta facilitadora e lúdica, acaba sendo um dos fetiches do discurso escolar no mundo contemporâneo.

TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

As tecnologias informáticas também fazem parte do mundo contemporâneo. Para Sancho (2001, p.11) as tecnologias espalhadas em todas as esferas de nosso cotidiano “contribuem de forma significativa para o avanço de um tipo de pensamento hegemônico. Um tipo de pensamento que sujeita o desenvolvimento humano à fabricação de ferramentas e converte os temas morais, éticos e dilemáticos em questões técnicas.” A educação escolar também tornou-se mais complexa e refém de políticas, muitas vezes impostas, e práticas viciosas e inadequadas, de alguma forma, ligadas à proliferação de artefatos tecnológicos que querem nos fazer crer que a solução dos problemas educacionais está nas tecnologias informáticas. O problema, nós sabemos, tem profundas implicações políticas, econômicas, sociais e culturais.

Mesmo não sendo “a solução”, é necessário entender que as ditas tecnologias educacionais exercem um importante papel na educação atual. Por isso, concordamos com

McLuhan, quando ele diz: “a melhor forma de me opor a elas (inovações, mudanças) é compreendê-las, pois então saberemos onde desligar o botão.” (2005, p. 142). Embora nossa perspectiva, no presente trabalho, não seja de oposição, pensamos, juntamente com Sancho (2001, p.13) quando ela defende o uso de tecnologias que sejam úteis para educar e

a organização de ambientes de aprendizagem (físicos, simbólicos e organizacionais) que situem os alunos e o corpo docente nas melhores condições possíveis para perseguirem as metas educacionais consideradas pessoal e socialmente valiosas. Isso sem cair na ingenuidade de crer que com isso acabaremos com os problemas do ensino, nem no engano de pensar que, *ignorando* o que ocorre ao nosso redor, *salvaguardaremos* a escola dos perigos tecnológicos.

A tecnologia educativa como campo de ensino e disciplina acadêmica desenvolveu-se nos Estados Unidos, principalmente a partir da década de 40. Um dado significativo apontado por Pons (2001) é que os trabalhos de B. F. Skinner baseados no condicionamento operante e aplicados ao ensino programado dão origem a uma segunda vertente dos estudos sobre as tecnologias educacionais. Às vezes nos parece que mesmo hoje ainda não nos libertamos dos usos condicionadores das tecnologias.

A didática pode ser entendida como mediadora entre o polo teórico (pedagogia) e o polo prático (educação) da atividade educativa. Ou seja, a pedagogia se realiza através da didática. A tecnologia educacional pode ser vista como aquela que facilita a aprendizagem. Ex. livro, computadores, hipermídia etc. A tecnologia educacional está, portanto, ligada às teorias de aprendizagem, às concepções e crenças dos professores sobre como se ensina e como se aprende. Embora, por questões de espaço, não tratemos das diferentes visões sobre ensino e aprendizagem, é necessário salientar o fato de que essas concepções e crenças são parte basilar da bagagem dos professores desde os tempos de sua vida escolar, passando pela licenciatura (para os que são licenciados) e mais ou menos consolidadas pelas suas práticas de ensino. Elas norteiam consciente ou inconscientemente suas atividades didáticas e até mesmo uma possível resistência ao uso de determinadas tecnologias na educação. Por serem ancestrais e enraizadas, não são prontamente reformuladas ou abandonadas. Aí reside um dos problemas das apropriações tecnológicas e linguísticas.

APROPRIAÇÕES TECNOLÓGICAS E LINGUÍSTICAS

Segundo Lemos (2002, p.259), a “a apropriação tem sempre uma dimensão técnica (o treinamento técnico, a destreza na utilização do objeto) e outra simbólica (uma descarga subjetiva, o imaginário).” A apropriação, continua ele, é uma forma de aprendizagem e

domínio técnico e também uma forma de desvio, de subversão em relação às instruções de uso, às finalidades previstas pelas instituições. Assim ocorre com as apropriações que fazemos do computador e seus usos domésticos e profissionais e das linguagens verbal, visual, gestual e sonora. Aprendemos a utilizar, mas do nosso jeito e depois as subvertemos.

Marshall McLuhan (2005) conta a seguinte anedota: “Ao ver uma freguesa examinando curiosamente um dos brinquedos, disse: “ Senhora, posso recomendar esse brinquedo, pois ajudará seu filho a se ajustar ao mundo moderno. Qualquer que seja o jeito que a senhora o monte, sempre estará errado!”. O proveito que se pode tirar dessa história é que no contexto contemporâneo de rápidas e incessantes mudanças, não há um modo “certo” de fazer ou de ver as coisas; não há um único modo. Assim, sentimo-nos livres para nos apropriar das tecnologias e linguagens dentro do nosso contexto de cultura e de situação.

Os letramentos são uma forma de apropriação das linguagens e dos meios. Quando falamos em meios digitais, consideramos o letramento digital como algo ligado às nossas atitudes e que nos torna capazes de combinar o meio com tipo de mensagem ou informação e a audiência quando mediados por computador. Isso implica saber blogar, twitar, remixar imagens e sons, manter conversação online, entre uma miríade de outras atividades midiáticas. (LANKSHEAR e KNOBEL, 2008). Considerando que os letramentos são práticas localizadas, no contexto escolar, podemos incluir ainda a leitura e a produção escrita de gêneros textuais valorizados na escola, e ainda atitudes, tais como: saber pesquisar na biblioteca (digital), selecionar os livros, enciclopédias, revistas, periódicos científicos (digitais) e suas partes de interesse, fazer apresentações orais usando recursos midiáticos, etc. No caso do professor, isso envolveria ainda a adequação das aulas aos objetivos didáticos, aos meios de ensino, aos conteúdos e aos alunos, situando-os em seus contextos de cultura e de comunicação.

Buzato (2009) discute muito bem o conceito de apropriação. Baseando-se em Rogoff, explora três sentidos aplicáveis ao termo apropriação que podem ser ligados também às diferentes propostas de formação continuada ou de capacitação dos professores para o uso das tecnologias educacionais. No primeiro sentido espera-se que os professores, por meio de um curso, ou por esforço individual, internalize a tecnologia, desenvolva habilidades e passe a utilizá-la em suas aulas. E esse uso será implicitamente bom, pois acredita-se que a tecnologia é sempre boa e que “todo progresso é sempre para frente.”

Na segunda visão, a tecnologia seria transformada pelo professor, de acordo com seus fins e interesses, e assim ele estaria atualizado e atendendo às expectativas dos pais e dos padrões.

Já na terceira forma de apropriação, ela passa a ser uma transformação, implica no nascimento de um novo professor, transformado por que não se assujeitou, não se adaptou, mas emergiu outro.

PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

A motivação para essa pesquisa surgiu ao ouvir alguns alunos universitários, na saída de uma aula, comentando sobre os diferentes usos que os professores estavam fazendo dos data shows recém-instalados nas salas de aula. Chamou a atenção o interesse que o tema despertava naquele grupo de alunos e, especialmente, as críticas que faziam.

O procedimento de pesquisa considerou o período de provas e entregas de trabalhos em todas as disciplinas, o que, em nossa avaliação, inviabilizava entrevistas ou outros instrumentos². Assim, optamos por um questionário com cinco questões abertas, a fim sistematizar as opiniões dos alunos.

O questionário intitulado: “Data Show em sala de aula: como você vê isso?” foi distribuído aos alunos, em duas classes: uma de calouros e outra de alunos cursando o segundo semestre, todos com idade média entre 18 a 23 anos. Os respondentes não precisaram se identificar, foi deixado claro que a participação era voluntária, sem prejuízos a quem não respondesse. Ao todo, foram entregues 80 questionários e recebidos 62 respondidos.

ANÁLISE DOS DADOS

De posse dos 62 questionários, passamos a transcrever as respostas e a identificar categorias em que pudéssemos agrupá-las.

Por entendermos como não significativa, para os fins dessa pesquisa, a diferença de um semestre entre os participantes, fizemos a transcrição sem discriminar as turmas. Optamos também por omitir respostas obscuras ou pouco produtivas, tais como: “sim”, “não”, “concordo”, etc. e algumas em que percebemos desinteresse do respondente. Lembramos

² Cumpramos esclarecer que: os data show foram recém-instalados na unidade escolar pesquisada; o uso do equipamento não é obrigatório; nem todos os professores os utilizam; não houve nenhum tipo de capacitação dos professores para seu uso.

também que alguns alunos deixaram de responder algumas questões. As transcrições aqui apresentadas são, na medida do possível, literais.

A partir da leitura das respostas, pudemos identificar muitas opiniões concordantes em vários aspectos, o que nos permitiu elencar algumas categorias, mesmo sabendo que há muitas outras possibilidades! Nossa intenção era analisar e discutir as respostas pelos indícios que sugerem, desviando-nos da categorização implícita nas 5 questões.

A primeira leitura que fizemos das respostas nos trouxe imediatamente um conjunto de indícios que se relacionam às percepções dos alunos sobre a centralidade do professor nas aulas e o seu ainda importante papel na condução das aulas para esclarecimento do conteúdo.

Categoria de análise: **centralidade do papel do professor** - comentários dos alunos:

- *As explicações se tornam mais necessárias do que a síntese do assunto (a síntese vai no slide e o professor deve ampliá-lo);*
- *o importante mesmo é a forma de explicação do professor;*
- *elas tem uma “cronologia” a seguir auxiliando-nos no raciocínio;*
- *a aula fica mais dinâmica porque o professor utiliza slides e explica a matérias, facilitando a captação do que ele transmite;*
- *As explicações se tornam mais necessárias do que a síntese do assunto (a síntese vai no slide e o professor deve ampliá-lo.*

Os comentários selecionados indicam que os alunos- sentem necessidade de alguém que leia para eles; isso pode mascarar um desejo de facilitação, uma forma de poupar esforço ou mesmo querer genuinamente mais exemplos e aprofundamentos. Essa dependência pode ainda indicar certa falta de autonomia dos alunos. Por outro lado, como nos lembra McLuhan (2005, P. 184): “a função do professor é hoje cada vez mais a de economizar o tempo dos estudantes, acelerar o processo de aprendizagem.”

Outra categoria encontrada é a que agrupa críticas veladas ao trabalho docente em geral e sobre formas inadequadas de usar o data show. Nela aparecem também sugestões do que seriam usos eficientes. Vejamos alguns comentários sobre as respostas mais significativas selecionadas.

Categoria de análise: **crítica ao trabalho docente e opiniões sobre uso adequado do data show** - comentários dos alunos:

- *não preparar adequadamente a aula por acreditar que os slides sejam suficientes;*
- *leitura integral dos slides e slides com muito conteúdo;*
- *colocar “tudo” nos slides e ficar lendo, além de passar os mesmos slides muito rápidos;*
- *a leitura consecutiva, sem uma explicação prática da teoria;*
- *há alguns que não deixam as coisas tão claras, complicando mais a matéria;*
- *e ajuda mais o professor também a não ficar tão perdido ao passar a matéria;*
- *velocidade muito grande na explicação- slides mal feitos;*
- *porém, há professores que não tem condições de ensinar com o data show, apenas lê o que escreve nos slides;*
- *muitos textos. Voz macia dá sono;*
- *(ruim)quando os slides só tem textos*

Algumas práticas não são aprovadas pelos alunos, tais como a leitura do slide, a explicação/leitura acelerada – talvez porque o professor possa pensar que o texto do slide já é suficiente e a fala dele seria um complemento desnecessário. Slides malfeitos são ruídos de comunicação e a má qualidade costuma chamar mais a atenção do que a mensagem. A quantidade de informação por slide pela falta de seleção dos tópicos importantes dificulta a leitura (pois, geralmente, se diminui a fonte para caber mais texto) e o processo cognitivo (compreensão, retenção, etc.)

Outros comentários que talvez não cheguem a formar uma categoria mas consideramos bastante relevantes, são os que dizem respeito a uma das práticas mais antigas em sala de aula: a “cópia da lousa”, só que, agora, referindo-se aos slides. Percebe-se que as queixas são as mesmas das dos velhos tempos, o que nos sugere que os professores estão usando os slides como se fossem lousas que já vêm escritas de casa.

- *copiar atrapalha o entendimento; não dá para fazer as duas coisas ao mesmo tempo;*
- *fazer os alunos copiarem textos do data show;*
- *uso rápido, sem dar tempo de o aluno copiar os slides.*

Outro resquício das aulas expositivas tradicionais e que os slides no data show parecem reviver de forma mais intensificada é a ausência de interação entre professor-aluno e

mesmo aluno-aluno é a ausência de interação. Vejamos o comentário indicando que mesmo a exposição sendo interessante, ela pode ser cansativa:

- a aula ser somente visual pode ser cansativo e dar sono, é necessário a interação do professor com os alunos.

Um comentário interessante parece sugerir que há professores que não sabem ou não se preocupam em preparar um “bom” slide, ou julgam que a simples utilização da ferramenta tecnológica já é garantia de uma boa aula:

- salvo exceções, tem slides complexos e de péssimo entendimento.

Durante nossa leitura das respostas também nos chamou a atenção a quantidade de respostas que faziam referência ao uso de imagens e sua importância para a apreensão dos conteúdos.

Categoria de análise: **importância do uso de imagens e elementos gráficos** -comentários dos alunos:

- melhor visualização da ideia;*
- colocação de imagens ganha tempo por não ter que escrever, podendo dedicar-se mais à explicação;*
- exemplos práticos com gráficos e desenhos, pois possibilita uma melhor visualização;*
- tendo figuras e vídeos que auxiliem no estudo;*
- em questão de matérias biológicas, o ganho é 100% mais de aproveitamento. Devido às imagens que são passadas para facilitar o aprendizado e não só biológicas;*
- estas aulas são muito ricas em imagens o que faz com que o cérebro guarde mais fácil;*
- é muito útil para assuntos dos quais é importante a utilização de imagens e esquemas;*
- para matérias que precisam de imagens auxilia muito a nossa compreensão, - da para ter uma visualização melhor de como são as coisas, mais vida, e da para utilizar mais recurso;*
- ...pois mostram figuras que não dariam para colocar na lousa;*
- há maior facilidade nas explicações devido à facilidade do uso de imagens.*

Esses comentários não foram entendidos, à primeira vista, como despropositados, pois parece estar ficando cada vez mais evidente que estamos imersos numa cultura visual, em

detrimento da hegemonia da escrita que vigora desde o século XVI, a partir da prensa de tipos móveis desenvolvida por Gutenberg. Além do mais, os livros didáticos de geografia, história, biologia, zoologia e botânica, etc. nunca prescindiram de ilustrações tais como mapas, células, sistema circulatório, nervoso, digestivo, animais da floresta e organismos microscópicos. Não resta dúvida sobre a importância da imagem para “mostrar” aspectos que a palavra não consegue “descrever” propriamente. Seria essa, talvez, uma das propriedades das aulas com slides que mais tem a contribuir. Há, porém, o lado estético dos slides, que os coloca como objetos Kitsch de múltiplas funções, pois a despeito de sua função informacional, a imagem distrai, é agradável, estimulante, sugestiva e caminha pela emoção e não pela razão (exceto no caso de gráficos, esquemas, etc.). Como muitas de nossas experiências são mediadas por tecnologias, o uso indiscriminado de imagens pode sugerir que o contato com espécimes in loco, em laboratórios de física, química ou biologia, por exemplo, não são tão fundamentais.

Apresentamos, a seguir, uma importante relação entre o uso de data show em sala de aula e as práticas de estudo dos alunos.

Categoria de análise: **prática de estudo** - comentários dos alunos:

- *o estudo ficou mais fácil pois além das anotações feitas durante as apresentações dos slides é mais fácil relembrar a matéria tendo os slides na hora do estudo (isso quando o professor disponibiliza os slides- coisa rara.);*
- *é mais fácil de estudar pelos slides dos professores e assim presto mais atenção em suas aulas;*
- *com o data show podemos anotar tópicos para poder seguir o roteiro de estudo. Se não existisse essa tecnologia, na hora de estudar, com certeza ficaria mais difícil, pois não existiria uma ordem de estudo;*
- *professores mandarem slides via email;*
- *se eu perder alguma aula, eu vou poder imprimir a aula perdida;*
- *pegar os slides para estudar;*
- *perceber que é um roteiro para estudo mais aprofundado (principalmente quando se utilizam de indicações bibliográficas referentes àquela aula específica);*
- *houve aumento de anotações;*
- *com o data show se faz tópicos e depois pesquisamos sobre eles para estudar mais.*

Observa-se, nos comentários, que a palavra “fácil” é várias vezes mencionada. Como diz o dito popular: “todo mundo quer ir para o céu, mas ninguém quer morrer.” – toda forma

de facilitação do ensino e da aprendizagem é bem-vinda. É importante que essa facilitação não venha também na forma de simplificação dos conteúdos e das avaliações. A possibilidade de imprimir os slides da aula, em vez de copiá-los também é lembrada. Os slides servem também como guias ou roteiros para os estudos, pelo seqüenciamento da matéria dada e quando elaborados em forma de itens. Apesar disso, digamos, facilitação positiva, podemos ver nisso também um certo incentivo ao comodismo e ao descuido com a presença e com a organização do material de estudo, afinal, basta obter as cópias dos slides e rever a matéria na ordem dos slides – que é a ordem escolhida pelo professor. Surge aí uma espécie de lógica da aprendizagem como linear, externa, comandada por outrem, dependente das definições de ordenação dadas por outrem e, em última análise, a não necessidade de autonomia. Talvez esse conjunto redunde na formação de profissionais não pró-ativos, de *corpos dóceis*.

Colocamos por último a categoria que poderia ser a primeira, pois traz as concepções mais amplas, onde as categorias acima se apóiam.

Categoria de análise: **vantagens inerentes à tecnologia em relação ao mundo contemporâneo** - comentários dos alunos:

- *auxilia no aprendizado; prende mais a atenção;*
- *... em algumas matérias seria impossível aprender sem essa tecnologia;*
- *eles (professores) não perdem tempo passando a matéria;*
- *só enxergo aspectos positivos;*
- *praticidade;*
- *maior informação;*
- *...e sim a rapidez que é o data show, e facilita a vida do professor;*
- *mais rapidez nas aulas pois já é tudo programado as aulas, a matéria, explicações, não que sem o data show não seja assim também, mas com essa tecnologia, muitas vezes é melhor;*
- *maior praticidade e maior absorção do conteúdo;*
- *rapidez;*
- *economia de tempo;*
- *mais quantidade de informação retida pelos alunos;*
- *muito mais eficácia e aproveitamento das aulas;*
- *aumento do rendimento das aulas e um melhor esclarecimento de algumas matérias.*

Depreende-se claramente a crença na tecnologia como algo positivo, “melhor” e capaz de resolver problemas que os professores (e os alunos!!) muitas vezes não conseguem: prender a atenção, economizar tempo, ser eficiente e eficaz, aumentar o rendimento, aumentar a “absorção do conteúdo”, etc. Nesse último item o aluno parece sugerir que o conteúdo vai ser absorvido, isto é, sem reflexão, dor ou sofrimento e quem vai facilitar isso é o computador. O seguinte comentário traz uma ideia semelhante: “mais rapidez nas aulas pois já é tudo programado as aulas, a matéria, explicações...” Observe-se que o aluno parece esquecer que quem “programa as aulas, a matéria e as explicações” é o professor e não o computador sozinho. Isso nos faz lembrar da resistência de alguns professores quanto ao uso de computadores por temer que um dia estes possam tomar seus lugares. Para encerrar, ressaltamos o comentário de um aluno: “só enxergo pontos positivos” no uso de tecnologias na educação. Essa fala, que pode ter sido, talvez, ingênua e impensada é, porém, espontânea e, portanto, reveladora do grande senso comum: a tecnologia é do bem e para o bem, e se algo de errado ocorrer de seu uso é por que a escola, ou o professor é o culpado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa mostraram-se bastante reveladores. Pudemos observar que por trás de algumas ações possivelmente vistas como ingênuas, como usar o data show numa aula, existe um jogo de forças que podem passar despercebidas em nosso cotidiano. A maior delas é a influência do mundo contemporâneo que nos chega de forma quase indefensável pela mídia: televisão, cinema, música, jornais e, claro, pela internet. Nesse trabalho usamos o fetiche para entender um pouco como as crenças de professores, alunos e outros atores da escola, deslocam para um objeto, ou um conjunto de técnicas, valores pedagógicos. O fetiche, termo para determinar a relação de magia, culto prestado a objetos animados ou inanimados que o homem atribui valor simbólico, foi utilizado por Marx (2005) em o Capital. Marx, utiliza do termo: “fetiche da mercadoria”, definindo que é quando a manufatura, adquire um valor de venda irreal. A mercadoria torna-se um objeto de adoração, e seu valor é infundado, como se não pudesse ser mensurado objetivamente.

Poderíamos imaginar que nossas atitudes, gostos, preferências, desejos e os nossos caminhos fossem forjados por nós e, principalmente, no âmbito escolar, que nossas práticas fossem escolhidas por nós, com o tempo e o acúmulo de experiência docente. Observamos

que não é bem assim e mais, que os anseios e expectativas dos alunos quanto às nossas aulas não são deles, mas estão sendo construídos neles por discursos hegemônicos. Ganhar tempo, facilitar, absorver, adquirir mais conhecimento, a preferência por discursos imagéticos e o fetiche da tecnologia, às vezes a qualquer custo, tudo são, como vimos, elementos do mundo contemporâneo no qual todos (alunos e professores) vivemos. É nesse paradigma que teremos que nos apropriar das tecnologias atuais e emergirmos sempre transformados, sempre novos; professores que não se assujeitam, não se adaptam, mas que se renovam constantemente.

REFERÊNCIAS

BUZATO, Marcelo El Khouri. **Letramentos digitais, apropriação tecnológica e inovação**. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2009/anais/g-1/letramentos-digitais-apropriacao-tecnologica.pdf>> Acesso em 5 ago 2011.

ESPERANDIO, Mary R. **Para entender pós-modernidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

FRANCKOWIAK, Franz. O Kitsch na cultura de massa. In: **Ética e Comunicação –FIAM:** Revista de estudos sobre comunicação, jornalismo e propaganda/ Faculdades Integradas Alcântara Machado – FIAM. N.2. (2000); São Paulo: FIAM, 2000.

LANKSHEAR, Collin; KNOBEL, Michele. **Digital literacies and practices**. New Your: Peter Lang Publishing, 2008.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Centauro Editora, 2005.

MCLUHAN, Marshall. **McLuhan por McLuhan: conferências e entrevistas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

PONS, Juan de Pablo. Visões e conceitos sobre tecnologia educacional. In: SANCHO, Juana M. **Para uma tecnologia educacional**. 2ª. Reimpressão. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

SANCHO, Juana M. **Para uma tecnologia educacional**. 2ª. Reimpressão. Porto Alegre: ArtMed, 2001.